

O GÊNERO E SUAS POSSÍVEIS REPERCUSSÕES NA GERÊNCIA DE ENFERMAGEM

THE GENUS AND ITS IMPLICATIONS IN NURSING
MANAGEMENT

EL GENERO Y LAS IMPLICACIONES EN LA GERENCIA DE
ENFERMERIA

Miguir Terezinha Vieccelli Donoso*

RESUMO

Abordagem sobre as possíveis implicações da questão do gênero feminino na gerência de enfermagem. A autora discorre sobre o gênero em si, gênero e enfermagem e gênero na gerência de enfermagem.

Palavras-chaves: Gênero; Gerência; Enfermagem

De acordo com Bueno⁽¹⁾, pode-se conceituar *gênero* como sendo “reunião de espécies entre si; conjunto de seres que apresentam qualidades semelhantes.” O termo *sexo*, no nosso entender, limita-se a conformações orgânicas que distinguem o macho da fêmea.

A enfermagem é uma profissão onde predomina o gênero feminino. Consideramos que há uma relação histórica entre esse predomínio e o cuidado - atividade referencial da profissão. Segundo Gonçalves e Sena⁽²⁾, a divisão social de trabalho, na estrutura familiar dos grupos primitivos contemplou a mulher como responsável pelo cuidado de crianças, velhos e doentes. Barros⁽³⁾ relembra que a palavra inglesa *nurse* tem sua origem no latim, do nome *nutrix*, que significa “mãe que cria”.

Entretanto, acreditamos que o predomínio da mulher na enfermagem merece maiores abordagens, uma vez que a nosso ver, repercute em questões que vão além da relação do feminino com a prestação do cuidado. Padilha e colaboradores⁽⁴⁾ afirmam que a prática da enfermagem atual recebeu heranças históricas, que lhe conferem um caráter não linear, repleto de contradições e influenciando de forma decisiva a sua ação, necessitando, portanto, ser compreendida.

A enfermeira é uma profissional de múltiplas funções, entre elas a prestação direta do cuidado, a educação continuada da equipe de enfermagem e a gerência da assistência de enfermagem. Nossa vivência profissional leva-nos a inferir que a enfermeira coordena a equipe de enfermagem nas ações inerentes

ao cuidado. Sendo a enfermagem uma profissão em que predomina o feminino, concluímos que também na gerência de enfermagem há essa predominância. Este fato nos confronta com a questão da mulher não somente como trabalhadora, mas como trabalhadora líder.

A realidade da mulher como trabalhadora encontra-se ainda em transição, uma vez que esta extrapola o papel de figura “do lar” para se projetar no meio profissional. Como se situa então, neste contexto, a mulher gerente, líder, coordenando outras mulheres e também homens, numa sociedade ainda machista? Este texto tem o objetivo de propiciar reflexões a este respeito, uma vez que aborda a questão do gênero feminino na enfermagem e na gerência de enfermagem.

O Gênero Feminino

Conforme Beauvois⁽⁵⁾, as mulheres de hoje estão destronando o mito da feminilidade; começam a afirmar concretamente sua independência mas não é sem dificuldade que conseguem viver integralmente sua condição de ser humano.

Gabeira⁽⁶⁾ relata o caso do assassinato da mineira Ângela Diniz, ocorrido no final do ano de 1975, por seu próprio companheiro, como um típico exemplo de situação em que a mulher é vítima da sociedade por ser mulher. O assassino foi absolvido alegando “defesa da honra”, apoiado inclusive por um grupo de

* Enfermeira. Mestre em Enfermagem. Professora assistente da Escola de Enfermagem UFMG.

Endereço para correspondência:
Escola de Enfermagem da UFMG
Av. Prof. Alfredo Balena, 190 • Sala 316
CEP 30.130-100 • Belo Horizonte • MG

mulheres, que improvisaram um coro a seu favor, enquanto este entrava no tribunal.

Na opinião de Marques e Bastos⁽⁷⁾ o conceito tradicional de “natureza feminina”, de cunho biológico, define a mulher totalmente determinada por suas características anátomofisiológicas. Esta visão reserva à mulher a passividade e ao homem a agressividade.

A trajetória das mudanças do papel da mulher na sociedade, especificamente no Brasil, já atravessa décadas, mas somente nos dias atuais é que essa *revolução* se mostra expressiva.

Ao escrever sobre o mito Leila Diniz, atriz morta no início década de 1970, Goldenberg⁽⁸⁾ refere-se ao comportamento desta – na época antagônico aos padrões vigentes – como um importante retrato das transformações dos papéis femininos em sua geração. Assim, seu comportamento foi considerado por muitos um valor positivo, um estilo de vida que possibilitou sua maior visibilidade social.

É notório que atualmente, a condição da mulher em alguns segmentos da sociedade já não comporta o velho chavão da submissão, principalmente no aspecto profissional. A questão financeira das famílias torna, de certa forma, obrigatória a aceitação da mulher no mercado de trabalho. Ela não mais está confinada às tarefas domésticas.

Questionamos se esse fato, considerado pela maioria das mulheres uma vantagem, não seria a legitimação da jornada dupla de trabalho, uma vez que culturalmente, a grande maioria dos homens não assume ou divide o trabalho doméstico com suas companheiras. Na enfermagem esta questão é ainda mais complexa. Nunes e Araújo⁽⁹⁾ consideram que:

“O conceito de qualidade profissional do ser enfermeiro confunde-se com a quantidade de tarefas que o mesmo executa, numa jornada heróica. Quando essa mulher (algumas vezes o homem) volta para casa, cabe-lhe administrar os afazeres do lar e cuidar da educação dos filhos. Percebemos a exploração da mão de obra do enfermeiro, que por ser majoritariamente feminina, tem uma tripla jornada de trabalho, com tantos afazeres...”

Não estamos, no entanto, questionando por si só a inserção da mulher no mercado de trabalho.

O Gênero Feminino e a Enfermagem

Em estudo sobre a mulher no período colonial, Nascimento e colaboradores⁽¹⁰⁾ concluem que esta, por sua condição de reprodutora, vivenciava em seu corpo as funções de menstruar, gerar, dar à luz e amamentar. No período considerado, ela exercia atividades relativas a atenção à saúde da família (papel até hoje mantido), e em nome da solidariedade e da religiosidade, dedicava-se também à saúde da comunidade.

A religiosidade está intimamente ligada à história da enfermagem. Almeida⁽¹¹⁾ relembra o fato de que a crença na doença como um castigo divino levava os povos primitivos a recorrer aos sacerdotes ou feiticeiros, que exerciam as funções de médico, farmacêutico e enfermeiro. Porém, de acordo com Silva⁽¹²⁾, com

a queda do sistema feudal e a perda da hegemonia da igreja, as religiosas foram substituídas nos hospitais por mulheres consideradas “de baixa moral”, que assumiram, entre outros serviços, o cuidado ao doente em troca de pagamentos irrisórios.

Este estigma ainda hoje repercute nas questões sociais inerentes à profissão. No entanto, Borges e colaboradores⁽¹³⁾ ponderam que estas mulheres “de baixa moral” fazem parte das origens da profissão, cuja historicidade não pode ser negada. Os autores ressaltam a contextualização política e social da época, as condições de trabalho e as dificuldades de aprimoramento ocupacional impostas a estas mulheres.

Relembramos que, apesar de ser atualmente reconhecida como atividade essencial, a enfermagem ainda é uma profissão desvalorizada, ou seja, sem projeção social. Levando-se em conta que a sociedade brasileira ainda é culturalmente machista, ou pelo menos ainda carrega fortes resquícios de valores machistas, concordamos com Silva⁽¹²⁾, quando esta afirma que “o trabalho da enfermeira não é desprestigiado por ser feminino, mas é feminino por ser desprestigiado”.

Acreditamos que, quando a mulher não sofrer mais discriminações no âmbito profissional, tanto em questões salariais como de condições de trabalho, esta profissão terá uma outra conotação que não simplesmente de atividade complementar ao ato médico.

O Gênero Feminino e a Gerência de Enfermagem

Lewis e Fagenson⁽¹⁴⁾ afirmam que somente 5% dos cargos de alta gerência nos Estados Unidos são ocupados por mulheres. No Brasil, estima-se que esse percentual seja ainda menor. Entretanto, segundo Peters⁽¹⁵⁾, no ano de 1970 cerca de 1% dos passageiros que viajavam a negócios eram mulheres. Hoje, esse percentual chega a 50%.

De acordo com Guirardello e Riul⁽¹⁶⁾, uma das atividades do enfermeiro é *administrar*, ou seja, administrar a assistência de enfermagem ao paciente, administrar a unidade de enfermagem onde atua e administrar a equipe de enfermagem.

Consideramos importante, à abordagem da administração, mencionar a questão do *poder*. Na nossa opinião, o conceito de poder está intimamente ligado ao de liderança, pois o líder tem o poder de influenciar o comportamento de seus seguidores.

Pode-se supor que, a princípio, grande maioria dos homens não se sente confortável conferindo poder de decisão gerencial às mulheres. Porém, Padilla⁽¹⁷⁾, ouvindo consultores de recursos humanos, especialistas em gestão empresarial, *headhunters*, políticos e empresários, concluiu que a mulher possui, entre outras qualidades, percepção apurada, visão global, maior versatilidade e facilidade de se relacionar com as pessoas e delegar poderes. Por isso, o modelo de gestão feminina está em alta em escritórios, no comando de gabinetes políticos ou à frente de cargos administrativos.

Na nossa opinião, a capacidade gerencial não está associada ao gênero pura e simplesmente, mas ao perfil do gerente, nos aspectos humanos, de comunicação, postura e persuasão. Acreditamos ainda que o gênero influencia nas questões de cre-

dibilidade, uma vez que nossa sociedade ainda é relativamente machista, mas isto não é fator decisório isoladamente.

Considerações Finais

O perfil da sociedade nas questões da gerência feminina tende a mudar, pois a transição do papel da mulher – membro participante e atuante – é irreversível. Cada vez mais as mulheres assumem funções gerenciais, e o mais importante, de maneira competente.

A enfermagem, por ser uma profissão de predomínio feminino, confere à mulher a oportunidade de gerenciar, não sendo comuns em nossos meios profissionais questionamentos sobre a capacidade administrativa das mulheres nesta área.

Historicamente, as mulheres são responsáveis pelo cuidado. Por analogia, compete a elas, em sua grande maioria, a administração e gerência das atividades intrínsecas ao cuidado.

Summary

It's about the possible implications on the genus issue feminine in nursing management. The author discourses about the genus itself, genus and nursing and genus in nursing management.

Key-words: Genus; Management; Nursing

Resumen

Aborda las posibles implicaciones sobre el genero femenino en la gerencia de enfermería. La autora trata sobre el genero en sí, el genero y la profesión de enfermera y el genero en la gerencia de enfermería.

Unitermos: Genero; Gerencia; Enfermería

Referências Bibliográficas

1. Bueno FS. Dicionário escolar da língua portuguesa. 9ª ed. Rio de Janeiro: Fename, 1975:618.
2. Gonçalves AM, Sena RR. Assistir/cuidar na enfermagem. REME Rev Min Enf, 1998; 2(1):2-7.
3. Barros MA et al. O cuidar de ontem e de hoje. Revista Nursing 1997; 111:08-13.
4. Padilha MICS. Enfermeira – a construção de um modelo a partir do discurso médico. Rev Esc Enf USP 1997; 3(31):437-51.
5. Beauvoir S. O segundo sexo. 6ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980:7.
6. Gabeira F. Sinais de vida no planeta Minas. 4ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982:179.
7. Marques MS, Bastos MAR. Aborto provocado como objeto de estudo em antropologia da saúde. REME Rev Min Enf 1998; 2(2):57-61.
8. Goldemberg M. Toda mulher é meio Leila Diniz. Rio de Janeiro: Record, 1995:184.
9. Nunes MMLG, Araújo EG. Borralheira-Cinderela, o conto de fadas vivido – história prática e currículo de enfermagem. Enf Rev 1998; 4 (7/8):109-18.
10. Nascimento E et al. O corpo da mulher no período colonial: algumas reflexões. REME Rev Min Enf 1998; 2(1):14-21.
11. Almeida MCP. O saber de enfermagem e sua dimensão prática. São Paulo: Cortez, 1989:127.
12. Silva GB. Enfermagem profissional: análise e crítica. São Paulo: Cortez, 1989:143.
13. Borges EL et al. Modelos assistenciais de enfermagem pós-Florence. In: Anais do 51º Congresso Brasileiro de Enfermagem, 10º Congresso Panamericano de Enfermeira. 1999. Florianópolis: Associação Brasileira de Enfermagem, 1999:458.
14. Lewis AE, Fagenson EA. Executivas: treinamento exclusivo? Management 1997; (3):112-8.
15. Peters T. O poder das mulheres. Management 1998; (7):14-8.
16. Guirardello EB, Riul S. Liderança do enfermeiro. REME Rev Min Enf 1998; 2(1):40-4.
17. Padilla I. O jeito feminino de mandar. Veja 1998; (1517) 102-8.